

Germana Henriques Pereira de Sousa
Alice Maria de Araújo Ferreira
Sabine Gorovitz

A TRADUÇÃO NA SALA DE AULA

ENSAIOS DE TEORIA E PRÁTICA DE TRADUÇÃO



EDITORA

UnB

A TRADUÇÃO NA SALA DE AULA

**ENSAIOS DE TEORIA E
PRÁTICA DE TRADUÇÃO**



Fundação Universidade de Brasília

Reitor Ivan Marques de Toledo Camargo
Vice-Reitora Sônia Nair Bão

EDITORA



UnB

Diretora Ana Maria Fernandes

Conselho Editorial Ana Maria Fernandes – Pres .
Ana Valéria Machado Mendonça
Eduardo Tadeu Vieira
Fernando Jorge Rodrigues Neves
Francisco Claudio Sampaio de Menezes
Marcus Mota
Neide Aparecida Gomes
Peter Bakuzis
Sylvia Ficher
Wilson Trajano Filho
Wivian Weller

LOQUUNTUR
TOBOPITB
S
PARLAKD
ERBLAR
SIARAD
K
ANGANGGO
SPRECHEN
DANIŞMAQ
KA3ALIB
PAGSULTI
PRAAT

A TRADUÇÃO NA SALA DE AULA

ENSAIOS DE TEORIA E PRÁTICA DE TRADUÇÃO

KO
SNACAR
BERBICAR
U
A
M
R
O



Equipe Editorial

Gerência de produção editorial

Marcus Polo Rocha Duarte

Revisão

Beth Nardelli e Fernanda Gomes (Njobs Comunicação)

Capa e diagramação

Inara Vieira e Daniela Rodrigues (Njobs Comunicação)

Supervisão gráfica

Elmano Rodrigues Pinheiro e Luiz A. R. Ribeiro

Copyright © 2013 by

Editora Universidade de Brasília

Impresso no Brasil

Direitos exclusivos para esta edição:

Editora Universidade de Brasília

SCS, quadra 2, bloco C, nº 78, edifício OK,

2º andar, CEP 70302-907, Brasília, DF

Telefone: (61) 3035-4200

Fax (61) 3035-4230

Site: www.editora.unb.br

E mail: contato@editora.unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília

Sumário

Capítulo 1 - Espanhol, uma língua homogênea?17

Alba Escalante

- 1.1 Sobre a unidade e diversidade: um discurso sustentado em políticas linguísticas22
- 1.2 Unidade/diversidade: algumas vozes24
- 1.3 O que fazer ante o desencontro?28

Capítulo 2 - Ensino de Tradução Jurídica33

Alessandra Ramos de Oliveira Harden

Capítulo 3 - Existem dicionários de tudo e o tradutor

sabe disso!?!?55

Alice Maria de Araújo Ferreira

- 3.1 O dicionário metáfora de um mundo fragmentado!.....58
- 3.2 Tudo entra na forma dicionário, por isso, existem dicionários de tudo!60
- 3.3 Agora, falando sério! Os dicionários bilíngues e/ou interlinguísticos.....68
- 3.4 Para concluir o inacabado...71

Capítulo 4 - Traduzir: aspectos metodológicos e didáticos

no ensino da tradução.....73

Ana Helena Rossi

- 4.1 Diário de tradução: ferramenta para refletir sobre o processo de tradução76

Capítulo 5 - As relações perigosas na tradução.....91

Germana H. P. de Sousa

- 5.1 Les *liaisons dangereuses*, a obra e sua recepção na França 94
- 5.2 A análise de Rónai sobre as traduções feitas no Brasil.....105

5.3 Considerações finais.....	113
Anexos.....	116
Capítulo 6 - A “tradução transparente” como sensibilização à intercompreensão das línguas românicas	117
<i>Jean-Claude Miroir</i>	
6.1 A tradução transparente	119
6.2 A intercompreensão entre as línguas românicas: português – francês	127
6.3 A aquisição do léxico como processo de tradução transparente	132
6.4 Considerações finais.....	136
Capítulo 7 - Ensino de tradução: algumas reflexões sobre a prática de tradução no par espanhol-português	141
<i>Júlio Cesar Neves Monteiro</i>	
Capítulo 8 - Os dilemas do tradutor jurídico diante do texto que se detona	153
<i>Mark Ridd</i>	
Capítulo 9 - Projeto final de curso de tradução.....	169
<i>Sabine Gorovitz</i>	
9.1 O pré-traduzir	172
9.2 O traduzir	181
9.3 O pós-traduzir	188
9.4 A questão formal do trabalho acadêmico.....	191
9.5 Considerações finais.....	197
Referências	198
Capítulo 10 - Tradução intersemiótica: uma prática possível e eficaz nos cursos de tradução	199
<i>Prof. Dr^a. Soraya Ferreira Alves</i>	



CAPÍTULO 3

EXISTEM DICIONÁRIOS DE TUDO E O TRADUTOR SABE DISSO!!??

Alice Maria de Araújo Ferreira



Existem dicionários de tudo e o tradutor sabe disso!?!?

Alice Maria de Araújo Ferreira

« Discours à fragmentation, mot à mot, nom par nom, de la définition à la citation, langage à l'élan interrompu, le discours du dictionnaire, le bon, celui qui se détourne de la littérature pour y retourner, cette dégustation de petites phrases unit les auteurs et les lecteurs dans une activité qui tient du fantasme, fantasme du savoir, fantasme du discours réel, suivi. » (MESCHONNIC, 1991, p. 23)



Figura 1: Boîtes à lettres en carton vert, conçue pour l'Exposition internationale du surréalisme, Paris, Galerie Cordier, 1959-1960 – Paris, musée national d'Art Moderne, Centre Georges Pompidou.

3.1 O dicionário metáfora de um mundo fragmentado!

“On cherche des mots, on trouve le discours. On cherche le discours, on trouve des mots” [procuramos palavras, encontramos o discurso. Procuramos o discurso, encontramos palavras] (MESCHONNIC, 1991, p. 9). Quem nunca precisou consultar a definição de uma palavra da sua própria língua ou em outra quando lia um discurso, seja ele literário, jornalístico ou técnico-científico? Claro que, nessas horas, apelamos para o que foi muito tempo chamado de *pai dos burros*, uma ferramenta linguística que recebeu o nome de dicionário. E, ao procurar nesse livro, deparamo-nos com um discurso; um discurso sobre a palavra, um discurso sobre a língua, um discurso sobre como projetamos língua sobre as coisas. No entanto, a importância e a familiaridade dessa obra de referência e de aprendizagem são proporcionais ao nosso desconhecimento de sua história, do seu funcionamento e suas diferentes manifestações.

Estamos tão habituados a essas obras, por nos parecerem tão necessárias, que acabamos esquecendo o monstro construído da linguagem que elas querem representar: uma coleção de termos isolados uns dos outros, ordenados ou desordenados em uma rima inicial. O dicionário faz de tudo para esquecermos que trata de palavras isoladas do discurso, e ilustra suas acepções com exemplos de uso, seguindo o preceito de Voltaire que um dicionário sem citações é um esqueleto. Com o discurso da definição, com o discurso dos exemplos, o dicionário é um discurso de discursos. Ele apresenta um conteúdo de conteúdos, os das palavras, os de uma cultura, os de uma representação dos sentidos e das realidades, mas ele apresenta, antes de tudo, uma forma: a forma dicionário. Essa forma consiste na elaboração de definições de componentes lexicais, e de instâncias de funcionamento: frases de dicionários, por vezes ilustrativas, por vezes redundantes ou, ainda, trechos de discursos reais.

O dicionário é arrogante pelo peso (viva os dicionários eletrônicos!) e pela pretensão de contemplar o todo inacabado de A a Z. A ordem alfabética não lhe é originária nem mesmo indispensável, mas serve, no início ou no fim da obra, de indicação formal. O desenvolvimento da forma dicionário, no século XVIII, é segundo Meschonnic:

L'aspect libre de l'épanouissement à la fois de la bourgeoisie et de l'individuation. À la conquête totalisante du monde, et des savoirs, répond la forme dictionnaire. Parce qu'elle casse l'ordre doctrinaire de l'organisation théologique de l'univers. Elle le fragmente et le traque. Par les renvois d'un article à l'autre. Et parce qu'avec l'ordre alphabétique elle est à la fois ouverte et fermée. (MESCHONNIC, 1991, p. 39)

[O aspecto livre do desenvolvimento da burguesia e da individuação. À conquista totalizante do mundo, e dos saberes, responde a forma dicionário. Porque quebra a ordem doutrinária da organização teológica do universo. Ela o fragmenta e o espreita. Pelas remissivas de um artigo para outro. E porque, com a ordem alfabética, ela é, ao mesmo tempo, aberta e fechada.]

Se a ordem alfabética se justifica pela comodidade que proporciona à consulta, ela começou como possibilidade para a liberdade de interpretação, início da individuação crítica. O levantamento de termos de um domínio é uma leitura atenta e crítica dos discursos dessa área de saber.

Há uma loucura na ordem alfabética. Dupla, nos diz Meschonnic: “une folie de la lettre, une folie de l'ordre» (1991, p. 40). [uma loucura da letra, uma loucura da ordem]. O alfabeto,

tomado como princípio de ordem da classificação das palavras, de todas as palavras, é uma ordem de palavras que se *sobreimpõe* à ordem ou à desordem do mundo:

L'infini, mis dans la totalité. Le macrocosme, inclus dans le microcosme. La disparate innombrable des choses n'est pas seulement enclose dans un ordre des mots, qui aurait un sens, elle est prise dans l'ordre des lettres, qui n'en a aucun. (MESCHONNIC, 1991, p. 40)

[O infinito, posto na totalidade. O macrocosmo, incluído no microcosmo. O disparate inumerável das coisas não é apenas incluso em uma ordem das palavras, que teria um sentido, ela é tomada na ordem das letras que não tem nenhum.].

Se o século XXI assiste a um ressurgimento da forma dicionário é que talvez seja a melhor metáfora para descrevê-lo: mosaico de palavras, galeria de espelhos dos sentidos, inventário de acasos. A forma dicionário nos parece a melhor maneira de dar conta da desconstrução que temos pela frente, amontoado de fragmentos do real, ou do que tomamos como real, justaposição de culturas e barbáries. Jacques Attali já anunciava: “Diverso e heterogêneo, festivo, bárbaro, feliz e enlouquecido, monstruoso, inviável, liberador e horrível, religioso e leigo... assim será o século XXI.” (2001, p. 23). Assim é o dicionário!

3.2 Tudo entra na forma dicionário, por isso, existem dicionários de tudo!

A sociedade atual se caracteriza, apesar do desejo uniformizante da globalização, pela heterogeneidade manifesta. O período em que vivemos é resultado de um processo marcado

pela especialização cada vez maior nas mais diversas áreas do saber técnico-científico e de domínios dos mais diversos. Com isso, assistimos ao desenvolvimento crescente da terminologia e da lexicografia e do aparecimento de uma variedade de obras lexicográficas e terminológicas. No entanto, o mercado que descobriu esse *filão* não diferencia a particularidade discursiva de cada uma dessas obras e costuma dar o nome de glossário, vocabulário, dicionário ou léxico a um aspecto formal (a ordem alfabética) sem se ater ao conteúdo.

A diversidade dessas obras tem interessado, há muito tempo, os estudiosos das áreas de lexicografia e terminologia que buscam, a partir da análise dos seus conteúdos discursivos, propor uma tipologia. Segundo Bernard Quemada (1967), um dos primeiros estudos comparativos das diferentes obras lexicográficas francesas foi o de P. Barré, em 1842, no prefácio do *Complément du Dictionnaire de l'Académie française*.

O próprio Bernard Quemada, no seu livro *Les dictionnaires du français moderne* (1539-1863), publicado em 1967, propôs uma classificação que foi retomada por Jean e Claude Dubois em 1971 no livro *Introduction à la lexicographie: le dictionnaire*. A distinção entre as obras lexicográficas se baseia no assunto e na natureza das informações apresentadas no dicionário. Assim, se distinguia:

- Os dicionários de coisas ou enciclopédias se interessam pelas realidades nomeadas por signos. Eles dão o máximo de informações sobre os objetos denotados pelos signos; informações técnicas, históricas. Privilegiam o universo das coisas em relação ao léxico da língua.
- Os dicionários de palavras ou dicionários de língua se interessam pelo funcionamento linguístico do termo, enumerando as características linguísticas do signo, ou seja, o sentido, os empregos, as categorias gramaticais, a pronúncia, a etimologia. Esses dicionários tentam

resolver problemas linguísticos diferentes (dicionários de sinônimos, de antônimos, de dificuldades, de palavras novas, de citações etc).

Nesta segunda categoria, podemos distinguir os dicionários monolíngues ou intralinguísticos e os dicionários bilíngues ou interlinguísticos. Os dicionários monolíngues apresentam uma tradução intralingual sob a forma de paráfrase, e os dicionários bilíngues sustentam o postulado que existe uma equivalência entre duas línguas levando em conta um casal de palavras e apresentam uma tradução interlingual sob a forma de equivalência em língua-meta. A função fundamental de um dicionário bilíngue é a de ser uma ferramenta de tradução, de compreensão de um texto ou de um discurso construído em uma língua diferente da língua do leitor.

A segunda classificação proposta por Quemada (1967) se baseia na quantidade ou na especialização. Fala-se, então, em dicionários *extensivos*, que tentam repertoriar todas as palavras da língua. E de dicionários *seletivos*, que se limitam a considerar um aspecto normativo da língua ou uma preocupação de especialização, como é o caso dos diferentes dicionários científicos, etimológicos, técnicos etc.

No entanto essa classificação não é compartilhada por todos os lexicógrafos. Alain Rey, Josette Rey-Debove, Louis Guilbert, dentre outros, reconhecem que os dicionários são muitas vezes heterogêneos – dicionários de língua dão exemplos enciclopédicos e as enciclopédias contêm informações linguísticas.

A aparição de um novo tipo de dicionário quebra essa divisão – o dicionário eletrônico e/ou informatizado. Esses dicionários utilizam uma série de bancos de dados textuais, resultados de um tratamento informatizado de corpora volumosos onde podemos levantar um grande número de contextos de uso do termo escolhido.

Quanto aos termos vocabulários e glossários, também não há um consenso na delimitação de cada uma. O *Office de la langue*

française, por exemplo, considera o glossário como uma obra que “define ou explica termos antigos, raros ou pouco conhecidos” (BOUTIN-QUESNEL, 1985, p. 29). O termo glossário é frequentemente confundido com vocabulário. Essa identificação se explica pela polissemia do termo glossário como vemos na definição fornecida pelo *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*:

Glossário. [do lat. *glossarius*.] s.m. 1. vocabulário ou livro em que se explicam palavras de significação obscura; elucidário. 2. dicionário de termos técnicos, científicos, poéticos, etc. 3. vocabulário que figura como apêndice a uma obra, principalmente para elucidação de palavras e expressões regionais, ou pouco usadas 4. léxico de um autor, que figura, em geral, como apêndice a uma edição crítica... (HOLANDA FERREIRA, 1986, p. 854)

Como podemos observar, o termo glossário é utilizado na linguagem corrente para designar tanto um vocabulário especializado quanto uma coleção de palavras-ocorrência de um discurso ou de um conjunto de discursos específicos manifestados.

Da mesma maneira, o termo vocabulário apresenta duas acepções e a segunda pode ser confundida com um glossário:

vocabulário:

1. refere-se ao conjunto de vocábulos de um universo de discurso;
2. designa um tipo de dicionário e, como tal, significa conjunto de vocábulos tratados lexicograficamente, isto é, definidos e organizados em forma de dicionário.

Outra proposta de tipologia das obras lexicográficas e terminológicas é a de Maria Aparecida Barbosa, que, a partir

da tripartição proposta por E. Coseriu – sistema/norma/fala – a autora faz a distinção entre dicionário, vocabulário e glossário, e suas unidades padrões: lexema, vocábulo e palavra. Ela destaca, nos estudos da lexicologia, lexicografia e terminologia, as questões relativas às relações de dependência, e correlações que se estabelecem, por um lado, entre dicionários de língua e sistema linguístico; por outro lado, entre vocabulários técnico-científicos e especializados e normas linguísticas e, ainda, entre glossários e fala ou discurso manifestado. Teremos então:

- O dicionário de língua se situaria no nível do sistema linguístico. Este contém (se exaustivo) o conjunto das unidades lexicais do universo lexical de uma língua, assim como os vocábulos correspondentes aos diversos universos de discurso.
- O vocabulário se situa no nível da norma. Ele recobre um ou mais universos de discurso. O conjunto de vocábulos considerado constitui um conjunto vocabulário, ou seja, um subconjunto do universo lexical. No caso das linguagens de especialidades, este conjunto de vocabulário corresponde a um conjunto terminológico, em que o termo é a unidade linguística padrão. Neste nível encontram-se os vocabulários técnico-científicos e especializados.
- O glossário se situaria, enfim, no nível da palavra. Ele reúne, segundo Maria A. Barbosa, as palavras-ocorrência de um texto específico.

Segundo a proposta de Maria Aparecida Barbosa, teremos esquematicamente:

Quadro 1: Tipologia das obras lexicográficas

TIPO DE OBRA	NÍVEL DE ATUALIZAÇÃO	UNIDADE-PADRÃO	CONJUNTO LÉXICO
Dicionário de língua	Sistema linguístico	Lexema	Universo léxico
Vocabulários	Norma linguística e sociocultural	Vocábulo	Conjunto vocabulários
Glossários	Fala ou discurso manifestado	Palavras	Conjunto ocorrências

Fonte: Barbosa (1995).

Onde,

- Os dicionários de língua se situam no nível do sistema, e sua unidade-padrão lexical é o lexema (Muller); o dicionário de língua tende a reunir o universo dos lexemas, apresentando, para cada um deles, os vocábulos que representam suas diferentes acepções.
- Os vocabulários técnico-científicos e especializados buscam situar-se em uma norma linguística e sociocultural, e têm como unidade-padrão o vocábulo, constituindo-se como conjuntos-vocabulários.
- O glossário *lato sensu* resulta do levantamento das palavras-ocorrências e das acepções que têm um texto manifestado.

Nesses termos, por exemplo:

- O dicionário de língua considera pertinentes as variações diacrônicas, diatópicas, diastráticas e diafásicas.
- Os vocabulários técnico-científicos situam-se em uma perspectiva sincrônica (eventualmente, diacrônica), não lhes sendo pertinentes as variações diatópicas e diastráticas. Definem-se, contudo, por uma rigorosa perspectiva sinfásica, representativa de um universo de discurso.

- Um glossário, a seu turno, é sincrônico, sintópico, sinstrático e sinfásico.

Cumpra, pois, distinguir um vocabulário de um glossário, por um critério qualitativo-quantitativo básico: o vocabulário busca ser representativo de um universo de discurso – que compreende, por sua vez “n” discursos manifestados –, pelo menos; configura uma norma lexical discursiva; glossário pretende ser representativo da situação lexical de um único texto manifestado, em sua especificidade léxico-semântica e semântico-sintática, em uma situação de enunciação e de enunciado, em uma situação de discurso exclusiva e bem determinada.

Dessa maneira,

- O dicionário de língua tende a recuperar, armazenar e compilar lexemas efetivos, de frequência, regular, integrantes de diferentes normas. *O thesaurus linguae* propõe-se a compilar lexemas de alta, média, baixa e ínfima frequência, de distribuição regular ou irregular entre os falantes, relativos a todas as variações diacrônicas, diatópicas, diastráticas e diafásicas.
- O vocabulário técnico-científico/especializado deve recuperar, armazenar vocábulos de um universo de discurso, enquanto elementos configuradores de uma norma discursiva, ou seja, vocábulos de alta frequência e distribuição regular, restritos a uma *phasis*, que podem, eventualmente, relacionar-se a vários *topoi* e *strata*.
- O vocabulário fundamental deve recuperar vocábulos de alta frequência e distribuição regular entre os falantes-ouvintes, comuns e vários *topoi*, a vários *strata*, a várias *phasesi* (quando se trata do vocabulário fundamental de uma língua, ou, então, restritos a um *topos*, ou a um *stratum*, ou a uma *phasis* (quando se trata do vocabulário fundamental de uma região, de uma classe social ou de um universo de discurso), sempre definido como elementos pertencentes ao conjunto-intersecção de subconjuntos de um universo léxico.

- O glossário, no sentido em que aqui é empregado, deve recuperar, armazenar e compilar palavras-ocorrências de um *chronos*, de um *topos*, de uma *phasis*, ou, noutros termos, extraídas de um único discurso concretamente realizado.

Retomando um exemplo da própria autora, podemos observar a designação *discreto* como unidade-padrão de diferentes tipos de obras lexicográficas e os diferentes tratamentos:

a) **Lexema**

Discreto (Do lat. *discretu*) Adj. 1. Reservado em suas palavras e atos. 2. Que tem ou revela discrição: homem discreto; procedimento discreto. 3. Que sabe guardar um segredo. 4. Prudente, circunspecto. 5. Recatado, modesto. 6. Que não se faz sentir com intensidade; brando: dor discreta. 7. Que não avulta sensivelmente; pequeno, diminuto: mancha discreta no pulmão. 8. Que exprime objetos distintos. ~ V. conjunto. (HOLANDA FERREIRA, 1986, p. 480).

b) **Vocábulo**

Discreto adj.

fr. Discret; ingl. Discreet

1. Conceito não definido, discreto deve ser arrolado no inventário epistemológico* dos indefiníveis.

A análise semântica desse inventário permite, todavia, interdefini-lo, isto é, inseri-lo na rede relacional de conceitos comparáveis. Assim, pode-se registrá-lo, na esteira de V. Brondal, como uma subarticulação da categoria quantitativa* da totalidade, constituída pela oposição do integral

(*totus*) e do universal (*omnis*), articulando-se a integralidade, por sua vez, em discrição (que caracteriza uma grandeza* como distinta de tudo aquilo que ela não é) e globalidade (que permite apreender uma grandeza na sua indivisibilidade).

2. Em semiótica, a discrição desempenha o mesmo papel que em lógica ou em matemática: serve para definir a unidade semiótica construída com a ajuda dos conceitos de identidade* e de alteridade* [...]

3. Em metalinguagem*, discreto é sinônimo de descontínuo.

– Totalidade, Unidade, Descontínuo, Categoria.

(GREIMAS; COURTES. 1989, p. 124).

c) Palavra

Discreto (ing. discrete). Diz-se de um elemento qualquer, como um traço semântico, que seja contável e, em consequência, descontínuo.

(LOBATO, 1977, p. 347).

A tipologia proposta por Maria Aparecida Barbosa tem a vantagem de delimitar o conteúdo de cada obra lexicográfica e/ou terminológica a partir do nível de atualização das palavras (da língua, enquanto sistema, ao discurso como manifestação intersubjetiva concreta).

3.3 Agora, falando sério! Os dicionários bilíngues e/ou interlinguísticos

Como vimos, podemos estabelecer uma distinção entre os dicionários monolíngues e bilíngues. O que nos interessa, agora, é a questão, sempre delicada, do dicionário dito bilíngue, já

que, mesmo de maneira escondida ou não confessada, é o mais utilizado pelos tradutores.

Um primeiro problema diz respeito à sua definição e sua delimitação: o que chamamos dicionário bilíngue?

A. Clas (1996) nos diz que:

les dictionnaires interlinguistiques sont ceux qui ont les entrées dans une langue source et les équivalents dans une langue cible (dictionnaires bilingues) ou dans plusieurs langues (dictionnaires plurilingues). Ils servent non seulement pour la traduction mais aussi pour la communication écrite parce que l'article en langue cible est un équivalent de l'entrée en langue source. (CLAS, 1996, p. 48)

[os dicionários interlinguísticos são aqueles que têm entradas em uma língua fonte e os equivalentes em uma língua meta (dicionários bilíngues) ou em várias línguas (dicionários plurilíngues). Servem, não apenas para a tradução, mas também, para a comunicação escrita porque o artigo em língua meta é um equivalente da entrada em língua fonte.]

A tipologia desses dicionários é parecida com a dos dicionários monolíngues ou intralinguísticos. Existem dicionários gerais (de língua) e dicionários especializados (técnico-científicos e outros domínios). Os mais usados são os dicionários gerais, que são compostos de duas partes: a primeira, língua estrangeira/língua materna e a segunda, língua materna/língua estrangeira. Para o dicionário ser bilíngue, as duas partes correspondem a obras diferentes e não se trata da inversão de uma para outra de maneira a respeitar a forma que cada língua dá ao conteúdo. Em geral a parte língua estrangeira/língua materna aparece primeiro por motivos comerciais, já que os usuários buscam antes a tradução de um texto em língua estrangeira.

No entanto, não basta termos a presença de duas línguas para o dicionário ser considerado bilíngue. É, segundo Carla Marelo (1996), a razão pela qual as duas línguas estão em contato, ou seja, a comunicação pela tradução, de duas comunidades que não compartilham a mesma língua. Existem dicionários nos quais as entradas e as definições pertencem a duas línguas diferentes e que, no entanto, não são considerados dicionários bilíngues. Por exemplo, um dicionário em que a entrada está em latim e a definição em português não é, obrigatoriamente, um dicionário bilíngue, pode ser um dicionário etimológico que fala em português da origem de palavras francesas que derivam de palavras latinas escolhidas como entradas.

Existem, também, dicionários compilados por antropólogos que explicam em português ou francês, ou inglês, o significado de palavras de línguas indígenas, ou africanas. Esses dicionários concebidos, sobretudo, para descrever línguas desconhecidas, têm uma função ambígua: eles buscam descrever essas línguas, e também podem ser usados para pessoas que querem se comunicar com falantes nativos dessas línguas e, então, são usados como bilíngues.

Os primeiros dicionários bilíngues que serviam para traduzir francês em latim eram utilizados como monolíngues. Foi o caso do dicionário *François-latin* de Robert Estienne (1539), no qual o próprio autor diz na introdução que ele visava ajudar as pessoas que queriam compreender as propriedades da língua francesa, porque naquela época não existiam dicionários monolíngues. O primeiro dicionário monolíngue francês – o *Tresor de La langue française* (1606), de Jean Nicot – foi compilado a partir da edição do dicionário de Robert Estienne, revisado e aumentado por Nicot e Dupuys.

Quemada (1967) sugere a denominação de semibilíngues por causa da utilização enquanto monolíngues. No caso de dicionários especializados, temos várias vezes uma parte mais desenvolvida que a outra, que é reduzida a uma lista de itens

com seus equivalentes na outra língua, sem verdadeiramente artigos lexicográficos. Por exemplo, nos dicionários bilíngues de informática temos, muitas vezes, uma parte inglês – língua X desenvolvida e uma parte língua X – inglês mais reduzida. Nesse caso, esses vocabulários costumam ser chamados de monolíngues com equivalência.

Como já dissemos, o objetivo de um dicionário bilíngue é servir de tradução para duas comunidades linguísticas, seja como dicionário de versão, seja como dicionário de tradução, mas essa bidirecionalidade continua difícil de ser atingida por causa tanto das especificidades morfológicas de cada língua, quanto pelo recorte particular que cada língua faz da realidade. Portanto, o lexicógrafo e/ou o terminólogo adotam, em geral, uma solução intermediária de maneira que os usuários possam compreender as diferentes informações semânticas. Mas, a maioria dos dicionários bilíngues tende a ser monodirecional, sem confessá-lo.

3.4 Para concluir o inacabado...

O dicionário é uma ferramenta comum para os tradutores. Saber usar adequadamente essa ferramenta para poder escolher que tipo de dicionário consultar em função do texto a traduzir depende do conhecimento que temos de sua organização discursiva e da especificidade de cada obra lexicográfica e/ou terminológica. Nossa proposta aqui foi refletir acerca das tipologias de tais obras, apontando para as diferenças de conteúdo independentemente da sua forma característica, a ordem alfabética. Cabe ao tradutor em formação aprender a diferenciá-las e assim aperfeiçoar sua consulta na busca de informações discursivas.

Referências

- ATTALI, J. *Dicionário do século XXI*. Tradução de Clóvis Marques. São Paulo; Rio de Janeiro: Record, 2001.
- BARBOSA, M. A. Contribuição ao estudo de aspectos da tipologia de obras lexicográficas. *Ciência da Informação*, v. 24, n. 3, 1995.
- BOUTIN-QUESNEL R. *et alii*, *Vocabulaire systématique de la terminologie*, Office de la langue française, Québec, 1985.
- CLAS, A. Problèmes de préparation rédactionnelle de dictionnaires bilingues spécialisés. In: BÉJOINT, H.; THOIRON, P. (Dir.). *Les dictionnaires bilingues*. Bruxelles: Duculot/Aupelf, 1996.
- DUBOIS, J.; DUBOIS, C. *Introduction à la lexicographie: le dictionnaire*. Paris: Larousse, 1971.
- FERREIRA, A. M. A. *Para um vocabulário fundamental da obra de Milton Santos*. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Linguística da FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- (GREIMAS, A.J; COURTES, J. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Cultrix, 1989.
- HOLANDA FERREIRA, A. B. *et al.* *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- LOBATO, L. M.P. (Org.) *A semântica na linguística moderna: o léxico*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1977.
- MARELLO, C. Les diferentes types de dictionnaires bilingues. In: BÉJOINT, H.; THOIRON, P. (Dir.). *Les dictionnaires bilingues*. Bruxelles: Duculot/Aupelf, 1996.
- MESCHONNIC, H. *Des mots et des mondes: dictionnaires, encyclopédies, grammaires, nomenclatures*. Paris: Hatier, 1991.
- QUEMADA, B. *Les dictionnaires du français moderne. Études sur leur histoire, leurs types et leurs méthodes*. Paris: Didier, 1967.

A obra que ora apresentamos, *A tradução na sala de aula: ensaios de teoria e prática de tradução*, é resultado da experiência em salas de aula do Curso de Bacharelado em Letras-Tradução, situado no Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução/Instituto de Letras, da Universidade de Brasília, cujo percurso acadêmico perfaz trinta e um anos. Essa rica experiência na formação profissional de tradutores, em um dos cursos pioneiros do Brasil neste campo, serve-nos de referência e embasamento para as *lições* que aqui descrevemos. Falamos em *lições* e *sala de aula*, palavras cujos conceitos foram amplamente estendidos graças às novas tecnologias de comunicação ligadas ao ensino, porque este se quer um manual para o aluno dos cursos de graduação que procura estratégias de abordagens de textos que o preparem para o exercício da tradução, e também pistas para a análise crítica da obra traduzida. Contudo, não se trata apenas disso. O estudante de línguas e literaturas estrangeiras modernas, ou aluno de Letras de um modo geral, ou ainda o aprendiz ou profissional de tradução poderão aqui encontrar alguns caminhos metodológicos para acercarem-se das questões envolvendo a prática e a crítica tradutórias, nos mais diversos âmbitos.

